

# A GEOGRAFIA ECONÔMICA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA: TEMÁTICAS, ABORDAGENS E FASES DO PERÍODO DE 1974 A 2000

Darlan Fabiane  
Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFFS  
E-mail: [darlanfabian@bol.com.br](mailto:darlanfabian@bol.com.br)

Éverton de Moraes Kozenieski  
Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim  
E-mail: [everton.kozenieski@uffs.edu.br](mailto:everton.kozenieski@uffs.edu.br)

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender o perfil da Geografia Econômica (GE) produzida e veiculada nos artigos do Boletim Gaúcho de Geografia (BGG) no período de 1974 a 2000. Este trabalho resgata aspectos da história da GE e, mais especificamente, da GE produzida e veiculada no Estado do Rio Grande do Sul. Sustenta-se em uma investigação de caráter exploratório e descritivo, em que os procedimentos metodológicos consistiram em pesquisa bibliográfica, avaliação e análise de artigos disponíveis no endereço eletrônico <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>. O perfil da GE presente no BGG foi alcançado com a seleção e análise das publicações obtidas. No período em estudo, identificou-se como principal temática a caracterização econômica de regiões e como abordagem predominante a analítico-descritiva. Dentre os temas centrais ou fases da GE predominou a organização do espaço. A temática comércio e a abordagem crítica ou dialética ganharam maior destaque na década de 1990, sendo as questões relativas ao desenvolvimento e ao subdesenvolvimento mais evidentes entre os anos de 1980 e 1989. O estudo envolveu 180 publicações, sendo 46 consideradas pertencentes à GE.

**Palavras-chave:** Geografia. Geografia Econômica. Boletim Gaúcho de Geografia. História do Pensamento Geográfico.

## INTRODUÇÃO

O saber científico tem relevante papel na forma como se compreende e se explica o mundo. Tal saber é mobilizado de diferentes modos e momentos no cotidiano, desde a produção de discursos, que reiteradamente se sustentam em argumentos e dados científicos, às mercadorias com grande conteúdo tecnológico, como o telefone celular de última geração que acompanham inúmeras tarefas e flexibilizam as formas de comunicação e de trabalho.

O processo de produção do conhecimento científico, como lembram Quivy e Campenhoudt (1992), vislumbra compreender e pôr em prática estratégias para elucidar o real. Contudo, é evidente que o modo de fazer ciência, ler e compreender objetos de conhecimento é diferente em cada momento histórico. A sociedade está em transformação, exigindo mudanças nas bases teórico-metodológicas para melhor ler o mundo. As dimensões epistemológicas e metodológicas estão em “movimento”,

apontando para novas formas de produzir conhecimentos. Como lembra Kuhn (1998), o desenvolvimento do conhecimento científico não é linear, está pautado em disputas que conformam-se em paradigmas científicos, ou seja, em possibilidades de melhor explicar a realidade. Estes se delineiam na comunidade científica e indicam certos limites, possibilidades e soluções às investigações.

Olhar para o conhecimento produzido por um determinado campo é identificar movimentos de transformação, perceber problemas e soluções na busca por compreender o real. Portanto, as proposições e o fazer dos pesquisadores, por exemplo, mudam significativamente ao longo do tempo e apresentam significativas continuidades e rupturas resultados das mudanças de paradigmas. Cabe ressaltar que a ciência não é desarticulada com o movimento da sociedade. Não se pode deixar de considerar, que além dos movimentos internos da própria ciência, a realidade muda, os objetos e os fenômenos se transformam.

Nesse contexto, a presente pesquisa busca compreender o perfil da Geografia Econômica (GE) produzida e veiculada nos artigos do Boletim Gaúcho de Geografia (BGG) no período de 1974 a 2000, identificando temáticas, abordagens e fases.

A opção de tomar o BGG como objeto de estudo é por tratar-se de uma “[...] publicação de caráter científico da Associação dos Geógrafos Brasileiros - seção Porto Alegre, trazendo artigos, notas, resenhas e outros textos inéditos, de interesse geográfico, escritos em português ou espanhol” (BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA, p. 1, 2017). Este periódico tem sido, durante mais de quarenta anos, um dos principais veículos de propagação do conhecimento geográfico no Rio Grande do Sul, caracterizando-se como referência para a Geografia rio-grandense. Por meio do BGG é possível identificar a trajetória da Geografia e da GE, bem como as mudanças ocorridas em relação às temáticas, às abordagens teórico-metodológicas e às principais correntes do pensamento geográfico.

## **O PERCURSO INVESTIGATIVO**

A fim de alcançar o objetivo proposto, fundamentou-se a investigação na pesquisa exploratória e descritiva, cujos procedimentos envolveram a revisão da literatura, especialmente na busca por referências que pudessem apresentar os fundamentos da GE, e a aquisição, seleção e análise dos artigos publicados no BGG. A

aquisição se deu através do endereço eletrônico <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>, onde os artigos estavam disponíveis para “download”.

Os artigos adquiridos passaram por uma primeira filtragem, em que se descartou os trabalhos que tratavam de aspectos relativos à geografia física (geologia, geomorfologia, hidrologia, climatologia, cartografia, etc.), ao ensino de Geografia (estágio curricular, avaliação, metodologia de ensino, etc.) e à Geografia de modo geral (conceitos, histórico do pensamento geográfico, preservação de patrimônio, etc.), desde que o assunto não fosse relativo a questões econômicas ou, obviamente, GE.

Também foram descartados trabalhos sobre aspectos ambientais e Geografia Política que não discutiam questões econômicas em nenhuma parte do texto, bem como: a única publicação do ano de 1976 cujo título era “Listagem das atividades científicas do II Encontro Nacional de Geógrafos”; de 1983 – “A curva de Lorenz-Thofehrn”; de 1984 – “Origem e evolução da AGB no Rio Grande do Sul” e de 1992 – “Entrevistas da Diretoria com sócios fundadores da AGB-PA”. Esta primeira filtragem consistiu na eliminação dos trabalhos a partir de seus títulos e de uma breve leitura.

A segunda filtragem fundamentou-se em definir se o artigo é da GE ou não a partir da definição de GE apresentada por Nunes (2000). Nesta etapa foram considerados válidos os artigos onde se caracterizou “[...] a precedência do fato/evento econômico na determinação dos processos e relações que produzem as diferentes formas espaciais” (NUNES, 2000, p. 31). Esta tarefa apresentou maiores percalços, pois em alguns artigos estava manifesta claramente a importância do econômico, ou seja, o autor do texto estava estudando um processo/relação em que o aspecto econômico era o principal determinante. Entretanto, alguns artigos precisaram ser lidos no todo e, inclusive, mais de uma vez até que se pudesse definir se pertencia à GE ou não.

Caracterizado como sendo da GE, o artigo foi classificado por temática e abordagem metodológica (NUNES, 2000) e por fase ou tema central (SILVA, 1978). A classificação dos artigos envolveu 25 temáticas, 2 abordagens metodológicas e 4 temas centrais ou fases e foi realizada através da leitura íntegra dos textos selecionados na segunda filtragem.

Na sequência do texto, o leitor irá encontrar um breve histórico da origem da GE em solo europeu e de sua trajetória, a partir de quatro temas centrais, no Brasil; um panorama do periódico gaúcho e, por fim, a apresentação e discussão da GE dentro desse periódico.

## A GEOGRAFIA ECONÔMICA

Estudo feito por Nunes (2000) apontou a origem do vocábulo “Geografia Econômica” nos trabalhos de um alemão chamado Gotz, no ano de 1882. A denominação teria surgido a partir do termo “Geografia Comercial”. Nunes (2000) verificou que o vocábulo surgiu na Alemanha, mas a base da GE foi construída a partir da Geografia Regional de Paul Vidal de La Blache.

Embora o termo “Geografia Econômica” seja do final do século XIX, convém destacar que Ritter já fazia uma Geografia considerada como econômica. Segundo Pires do Rio (2012, p. 173) “Em um dos primeiros trabalhos de geografia econômica, Carl Ritter (1779-1859) analisou os efeitos da navegação a vapor na organização do espaço”.

Outro autor que defende a ideia de que foi Ritter o primeiro a fazer estudos de GE é Claval (2005), para ele:

A geografia econômica apareceu na Alemanha sob a influência de Carl Ritter e se desenvolveu desde o fim dos anos 1850. Seu objetivo era a descrição da diferenciação de regiões econômicas num tempo onde as ferrovias e a navegação a vapor abriram novas possibilidades de especialização produtiva (CLAVAL, 2005, p.13).

Claval (2005) faz distinção entre a GE do século XIX, focada no princípio da analogia entre as regiões econômicas e no aspecto descritivo, e a GE do final do século XX, substituindo o aspecto descritivo pela preocupação em entender mecanismos e processos, estudando polos de crescimento, globalização, metrópoles, mobilidade e problemas ambientais.

Quanto à GE produzida no Brasil, Armando Correa da Silva (1931-2000) identifica quatro temas gerais que vão se impondo sucessivamente. A predominância de um dos quatro temas constitui uma fase da GE. Sendo assim, na primeira fase ocorre uma preocupação com os recursos naturais e humanos (déc. 1940); na segunda, o foco dos estudos é a produção e a circulação (déc. 1950); na terceira, ocorre uma preocupação com o desenvolvimento e o subdesenvolvimento (déc. 1960/1970); na fase mais recente a GE brasileira preocupa-se, sobretudo, com a organização do espaço (déc. 1970).

Silva (1978) cita exemplos de trabalhos característicos de cada fase: primeiro - “As bases geográficas da vida econômica” de Dirceu L. de Mattos; segundo - “Geografia Econômica” de Pierre George (1909-2006); terceiro - os trabalhos de R.

Haddock Lobo e de Elian A. Lucci, ambos com o título “Geografia Econômica”; quarto - “Geografia Econômica” de Manuel C. de Andrade.

De acordo com Silva (1978, p. 32, nota de rodapé), a obra de Mattos é inédita e “Aborda sistematicamente as variáveis geográficas físicas e sua relação com o homem”. Para quem estiver interessado no livro, é possível encontrá-lo na biblioteca da Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA)<sup>14</sup>.

Dentre as obras apontadas por Silva (1978) como referência das fases pelas quais a GE passou, não foi possível ter acesso à obra da primeira fase. Sendo assim, apresenta-se, na sequência, algumas características das outras quatro obras recém-citadas.

Segundo George (1970, p. 9), a GE “[...] tem por objeto o estudo das formas de produção, assim como o da localização do consumo dos diferentes produtos no âmbito mundial”. Para ele, um estudo de GE leva em consideração aspectos culturais, descobertas científicas e os sistemas definidores da política, da economia e das questões sociais. George (1972, p. 93) afirma que a GE clássica inclui: “Geografia agrícola, geografia industrial, geografia dos transportes e do comércio [...]”. Para esse autor, a GE deve direcionar sua atenção, principalmente, na atividade industrial porque “[...] a chave dos mecanismos da economia contemporânea é fornecida pelo conhecimento das formas de produção industrial e das condições de seu desenvolvimento”. (1970, p. 10).

Ao tratar da GE, Lobo (1965, p. 15), propõe a superação do aspecto descritivo, que é característica marcante da Geografia Clássica. No entendimento dele, a GE deve estudar uma região ou nação no intuito de “compreender as causas da situação econômica” e “prever as respectivas possibilidades de progresso e desenvolvimento”. Segundo ele:

Encontra-se superada a concepção de Geografia Econômica como simples enunciado da distribuição das riquezas, das fontes e dos tipos de produção por diferentes regiões. Semelhante ponto de vista, puramente descritivo vem sendo substituído pela preocupação de compreender as causas da situação econômica, em cada nação ou região, e também pelo interesse em prever as respectivas possibilidades de progresso e desenvolvimento (LOBO, 1965, p. 15).

Lobo (1965) afirma que a Geografia já deu muita importância ao meio físico. Geógrafos seguidores de Friedrich Ratzel (1844-1904) entendiam que os

---

14 MATTOS, Dirceu Lino de. As bases geográficas da vida econômica. São Paulo: FEA-USP, 1970.

aspectos físicos de uma região eram os principais determinantes do futuro econômico da população. O autor afirma que o meio físico é importante, mas em um “[...] mesmo meio geográfico, a qualidade e quantidade de produção e o grau de riqueza das populações podem variar muito, dependendo as variações, em grande parte, de fatores históricos” (LOBO, 1965, p. 27).

Em vez de classificar as populações mundiais em desenvolvidas e subdesenvolvidas, Lobo (1965), prefere classificá-las dentro de quatro possibilidades: primitivas (p. 31), desenvolvidas e subdesenvolvidas (p. 47), paradesenvolvidas (p. 59). As populações primitivas são aquelas que sobrevivem de caça, pesca, coleta, pastoreio e agricultura primitiva, tendo uma economia de subsistência. Populações desenvolvidas e subdesenvolvidas se distinguem pela capacidade técnica e industrialização, sendo alta nas primeiras e baixa nas segundas. As populações paradesenvolvidas possuem nível de capacidade técnica e desenvolvimento industrial médio, situando-se entre as desenvolvidas e as subdesenvolvidas.

Para Lucci, a GE “[...] tem por objetivo o estudo das formas de produção, localização e consumo dos diferentes produtos do meio natural em que vivemos” (LUCCI, 1975, p. 16). Quanto às suas divisões, o autor afirma existirem diversas concepções, porém considerando os aspectos de produção, distribuição, consumo, etnografia e sociologia, é possível fracioná-la em:

- a) **Geografia da População** – voltada principalmente para os problemas da distribuição geográfica e estrutura da população.
- b) **Geografia Agrária** – que procura descrever e interpretar os diferentes sistemas, formas de cultura e atividades de criação de animais, as paisagens a que dão origem, e as estruturas sobre que exercem influência.
- c) **Geografia Industrial** – que aborda a distribuição geográfica dos complexos industriais, relacionando-os com as paisagens por eles geradas, bem como estudando-os em relação aos mercados de matéria-prima, de consumo e de mão-de-obra.
- d) **Geografia dos Serviços** – preocupa-se principalmente com a distribuição e organização do comércio, transportes, educação, em áreas da superfície terrestre, enfocando com maior destaque os aspectos urbanos.
- e) **Geografia Rural** – dirige seus estudos para a área rural, o campo, analisando a atuação dos diversos fatores humanos, principalmente aqueles que são considerados qualitativos.
- f) **Geografia Urbana** – que, como o próprio nome diz, volta-se para o estudo das cidades em seus vários aspectos, tais como sua morfologia, atividades industriais e de serviços. Preocupa-se, também, numa abordagem mais dinâmica, em estudar as relações existentes entre as cidades e as áreas nas quais exercem influência e que, por outro lado, delas dependem.
- g) **Geografia da Energia** – que estuda as fontes de energia, suas formas de exploração e grau de utilização e a influência do consumo e o seu significado na vida do homem. (Ibid. p. 18, grifo nosso).

Referindo-se à classificação dos países em desenvolvidos e subdesenvolvidos, mesmo afirmando que os termos ainda não estão bem definidos, Lucci (1975) entende como países desenvolvidos os que tiveram maior desenvolvimento da atividade industrial. Para ele, o desenvolvimento de um país está atrelado à disponibilidade de recursos naturais, humanos e tecnológicos. Países deficientes em algum destes recursos, ou dependentes de outros países, são subdesenvolvidos. De acordo com o autor, “subdesenvolvimento” é um termo que surgiu na ONU, em 1949 e, por ser considerado áspero e insultuoso, está sendo substituído por “em desenvolvimento”.

Para Andrade (1998, p. 23), a GE consiste em analisar “[...] a organização do espaço em função da apropriação dos recursos naturais e da transformação dos bens em mercadorias, em uma sociedade avançada [...]”. Na obra de Andrade<sup>15</sup>, observa-se que a preocupação central é a organização do espaço, conforme afirmação do autor:

[...] tivemos uma preocupação central de analisar as formas pelas quais o homem vem ocupando o espaço terrestre e a utilização que vem fazendo dos recursos disponíveis. Assim, o leitor verá como se distribuem os recursos pela superfície da Terra e as formas de organização do espaço elaboradas em função da utilização destes recursos pelo homem, espontânea ou planejadamente. (ANDRADE, 1998, p. 15).

Uma definição de GE mais recente, e que serviu de base para a elaboração desta pesquisa, aponta o fato econômico como principal determinante da organização do espaço. De acordo com Nunes (2000, p. 31): “A Geografia Econômica sustenta-se primeiramente por apresentar uma característica básica: a precedência do fato/evento econômico na determinação dos processos e relações que produzem as diferentes formas espaciais”. Nunes (2000) analisou os trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação defendidos no estado de São Paulo entre os anos de 1970 e 1998, identificando as temáticas e as abordagens teórico-metodológicas presentes nas dissertações e teses de GE.

## **O BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA**

O Boletim Gaúcho de Geografia (BGG) é uma publicação na qual são veiculados artigos de diferentes temáticas relacionadas à ciência geográfica. Deste modo, encontram-se no BGG pesquisas de diferentes campos da Geografia, dentre os 15 “Geografia Econômica”, 12ª edição, publicada em 1998 e que é uma atualização do livro publicado no início da década de 1970.

quais está a GE. O periódico surgiu em 1974 e até o ano de 2018 publicou 389 artigos distribuídos em 44 volumes. Durante o período 1974-2018, houve anos em que nenhum artigo foi publicado e anos com expressivo número de publicações. A quantidade de artigos publicados em cada ano pode ser observada no Gráfico 01.

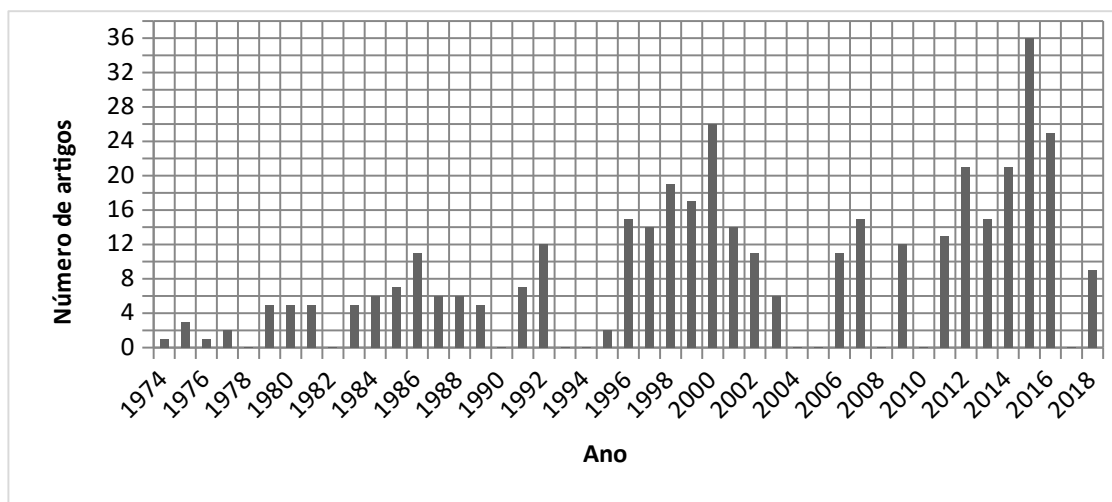


Gráfico 01 – Distribuição dos artigos publicados no BGG, período 1974-2018.  
Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2019). Organizado pelos autores.

Ao analisar a distribuição dos artigos publicados no período de 1974 a 2018, percebe-se significativo aumento da quantidade de publicações de uma década para a seguinte, sendo 12 artigos na primeira (1974 a 1979), 56 na segunda (1980 a 1989), 86 na terceira (1990 a 1999), 95 na quarta (2000 a 2009) e 140 na quinta década (2010 a 2018). Em valores percentuais tem-se 3%, 14%, 22%, 25% e 36%, respectivamente, conforme Gráfico 02.

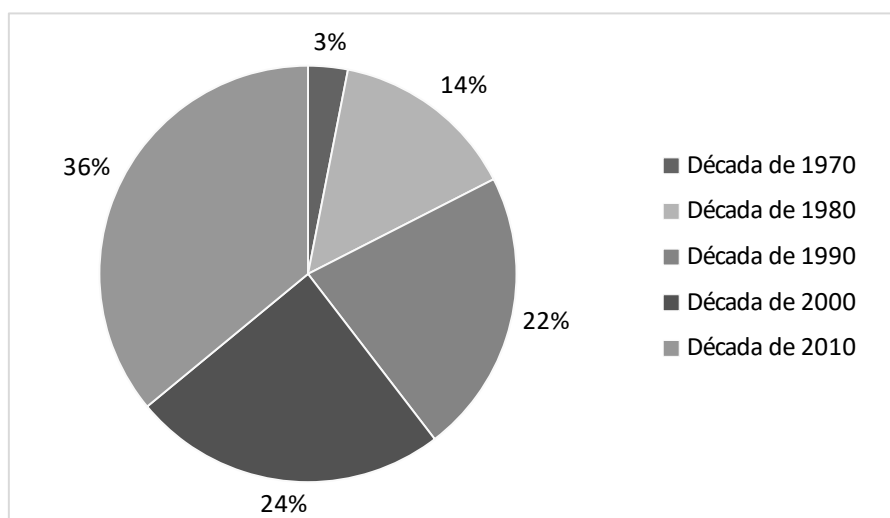


Gráfico 02 – Percentual do total de artigos publicados no BGG, por década.  
Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2019). Organizado pelos autores.



Ao observar as publicações, constata-se que alguns autores se destacam, ou seja, tiveram vários artigos publicados no BGG. Os autores<sup>16</sup> com mais de três artigos publicados na revista estão representados no Gráfico 03, sendo que a maioria está ou esteve vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

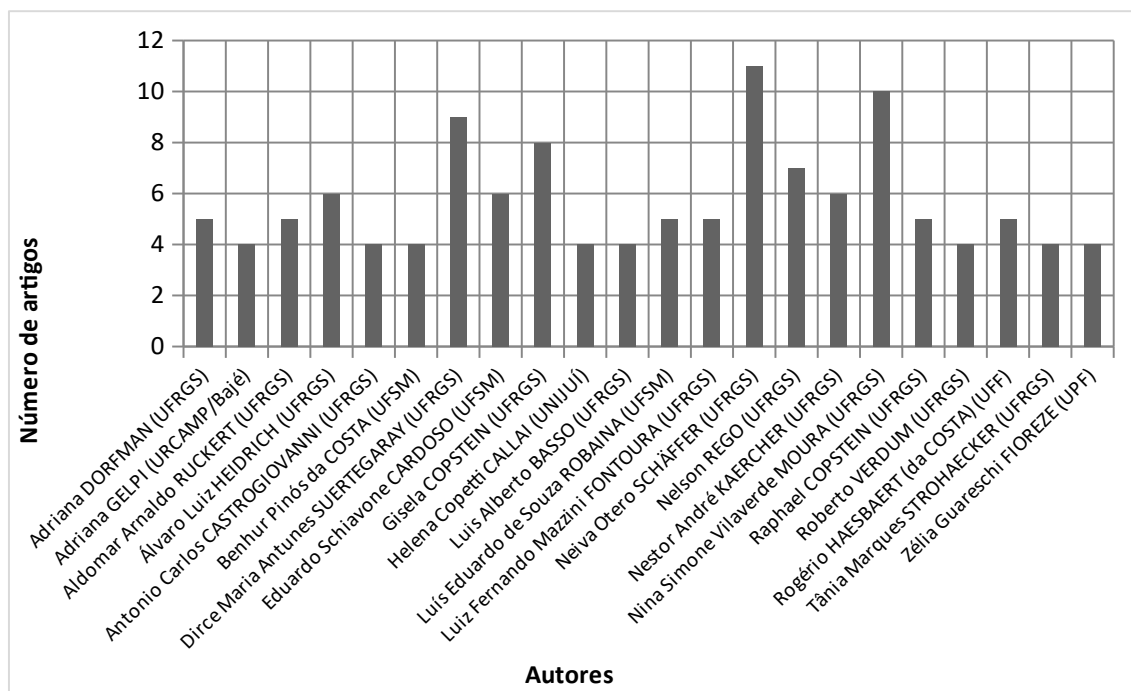


Gráfico 03 – Autores com mais de três artigos publicados no BGG, período 1974-2018.  
Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2019). Organizado pelos autores.

Observando o Gráfico 03, constata-se que dentre todos os autores com mais de cinco artigos publicados no BGG, apenas um autor não está ou esteve vinculado à UFRGS. Dos autores apresentados no gráfico, a grande maioria possui ou possuiu vínculo com a UFRGS, sendo pequena a participação de outros nomes, neste caso, representantes das instituições de ensino: UFSC, UFF, UNIJUI, UPF e URCAMP<sup>17</sup>. A distribuição numérica dos autores com mais de 3 artigos publicados no BGG entre 1974 e 2018, por instituição de ensino, está representada no Gráfico 04.

16 Foram considerados os trabalhos em que aparece o nome do autor, independente de ser autor principal ou não

17 UFSC – Universidade Federal de Santa Maria; UFF – Universidade Federal Fluminense; UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; UPF – Universidade de Passo Fundo; URCAMP – Universidade da Região da Campanha.

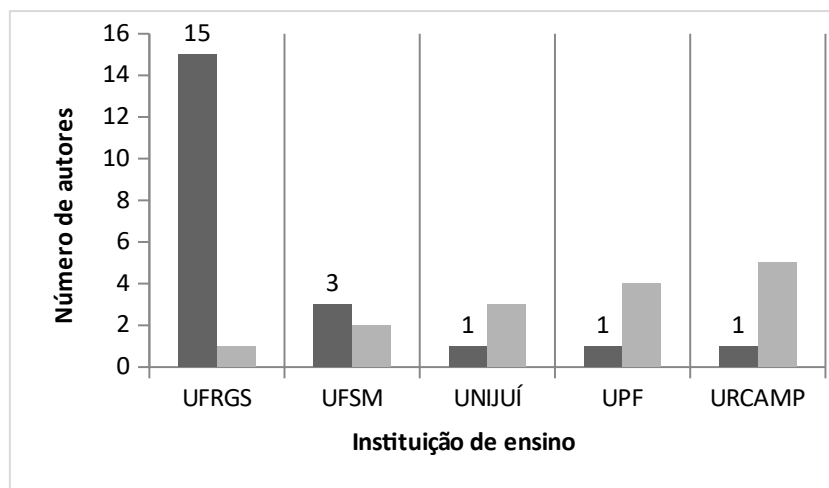


Gráfico 04 – Distribuição dos autores com mais de 3 artigos publicados no BGG (1974-2018), por instituição de ensino. Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2019). Organizado pelos autores.

Quanto à estrutura dos artigos, observa-se que os primeiros textos, sobretudo da década de 1970, possuem estruturas variadas. Não apresentam resumo, alguns artigos possuem qualificações do autor, enquanto outros não trazem estas informações. Os textos podem apresentar introdução ou não. Considerações finais (ou conclusões) podem estar presentes ou não, sendo que o número de páginas também é bastante variável: um artigo de Álvaro L. Heidrich, publicado em 1979, possui 5 páginas, enquanto que um artigo de Raphael Copstein, publicado em 1975, possui 45 páginas.

A partir de 2002 os artigos passam a apresentar resumo e a variabilidade em relação ao número de páginas dos artigos diminui. Introdução e considerações finais (ou conclusões) tornam-se frequentes, embora ainda não sejam padrão, pois dentre as publicações da década de 2010 ainda encontram-se artigos sem a presença de tópicos como considerações finais (ou conclusões) e/ou introdução.

## **A GEOGRAFIA ECONÔMICA DO BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA NO PERÍODO DE 1974 A 2000**

De 1974 a 2000, o BGG publicou 180 artigos dentre os quais 46 enquadrados como sendo de GE, ou seja, considerando o período em estudo, a GE esteve presente em aproximadamente 26% dos trabalhos. Neste universo, busca-se compreender as principais temáticas, abordagens e fases ou temas centrais presentes nos textos.

## As temáticas

No trabalho de Flaviana Gasparotti Nunes (2000) são apresentadas 25 temáticas referentes à GE: relações de trabalho, migrações, caracterização econômica de regiões, transportes, discussões teórico-metodológicas, artesanato/garimpo, renda da terra urbana, 7 temáticas relativas à agricultura (modernização, pequena produção, relações de trabalho, quadros agrários e agrícolas – atividades, agricultura e produção do espaço, cooperativas, agroindústria), 4 temáticas relativas à indústria (ramos, estudo de caso – local, distritos, tecnopólos) e 7 temáticas relativas ao comércio (ambulante, shopping centers, atacado, franquias, varejo, regional – estudo de caso, supermercados e entrepostos). Porém, considerando que não foram encontradas todas as temáticas de agricultura, indústria e comércio, optou-se por representar no Gráfico 05, agricultura como sendo uma única temática, procedendo da mesma forma para a indústria e para o comércio.

Observando o Gráfico 05, percebe-se que a temática mais expressiva nos artigos de GE analisados é “caracterização econômica de regiões”, correspondendo a 28% dos artigos. Destacam-se também as temáticas: “agricultura” e “migrações”, com 15% e 13% dos trabalhos, respectivamente, e “comércio”, correspondendo a 11% do total de trabalhos analisados. Os temas “transportes” e “discussões teórico-metodológicas” aparecem, cada um, em 9% dos artigos e “renda da terra urbana” em 7% dos trabalhos. Os temas “indústria”, e “relações de trabalho” correspondem, cada um, a 4% dos artigos. Percebe-se, também, a ausência da temática “artesanato/garimpo”, pois ela não foi encontrada em nenhum dos artigos analisados.

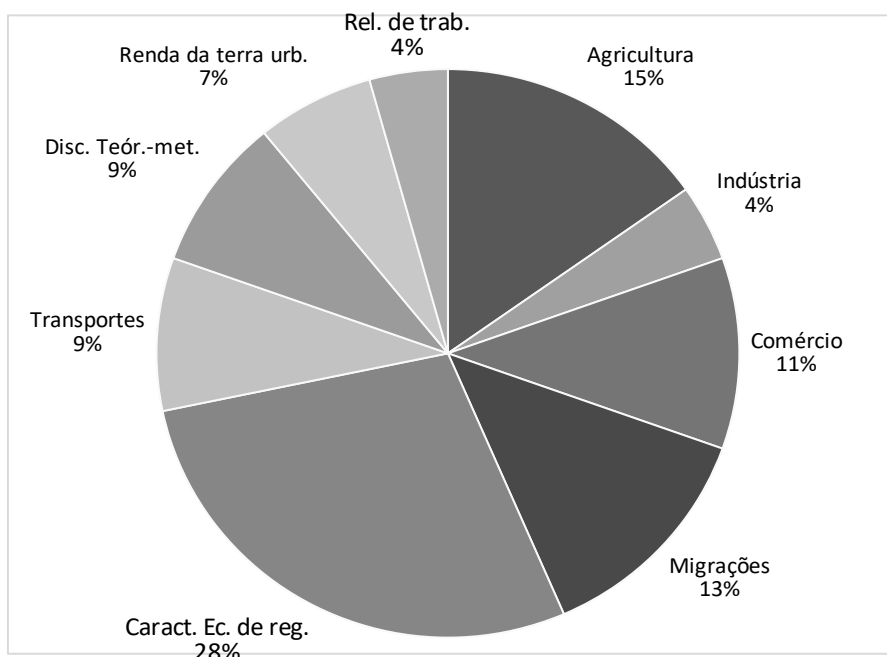


Gráfico 05 – Distribuição das temáticas da GE do BGG (1974-2000).  
 Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelos autores.

Detalhando os assuntos relativos à agricultura, à indústria e ao comércio é possível fazer as seguintes considerações: dentre os 7 trabalhos de GE referentes à agricultura, 3 foram classificados como “agricultura e produção do espaço”, 3 como “agricultura (pequena produção)” e 1 como “Agricultura (cooperativas)”; em relação à indústria, foram encontrados apenas 2 artigos, sendo 1 “indústria (tecnopólos)” e 1 “indústria (distritos)”; para o comércio, são 4 “comércio regional (estudo de caso)” e 1 “comércio (shopping centers)”.

Comparando este estudo com o efetuado por Nunes (2000), no estado de São Paulo (SP), percebe-se nítida diferença: no Rio Grande do Sul (RS) a temática mais estudada não é agricultura. Na investigação feita nos trabalhos de pós-graduação da USP e da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no período de 1970 a 1998, a agricultura foi o tema mais estudado, no BGG, no período de 1974 a 2000, a temática que mais aparece é caracterização econômica de regiões.

Embora não seja objetivo do trabalho investigar o porquê da diferença entre SP e RS, em relação às temáticas da GE do século passado, cabe lembrar que a agricultura brasileira desenvolveu-se primeiro no estado de SP, consolidando-se por sua diversidade e produção tecnificada direcionadas ao suprimento das necessidades da população metropolitana e/ou à exportação, caracterizando-se como assunto de maior relevância por lá. Além disso, talvez a caracterização econômica de uma região seja

mais apropriada para um texto de artigo, enquanto o estudo de uma atividade agrícola seja mais interessante para uma investigação em nível de pós-graduação.

### **As abordagens metodológicas**

Para as abordagens teórico-metodológicas, toma-se por base a classificação efetuada por Nunes (2000). Esta autora considerou para a GE apenas duas abordagens: a analítico-descritiva (ou empírico-analítica) e a crítica (ou dialética), identificando certa equivalência entre as duas abordagens nas dissertações e teses produzidas no estado de São Paulo entre 1970 e 1998.

Comparando os resultados obtidos por Nunes (2000), em estudo da GE produzida nos cursos de pós-graduação do estado de São Paulo, com a análise dos artigos do BGG feita neste trabalho, percebe-se uma diferença: a predominância da abordagem analítico-descritiva nos artigos do BGG. Este resultado pode ser observado no Gráfico 06.

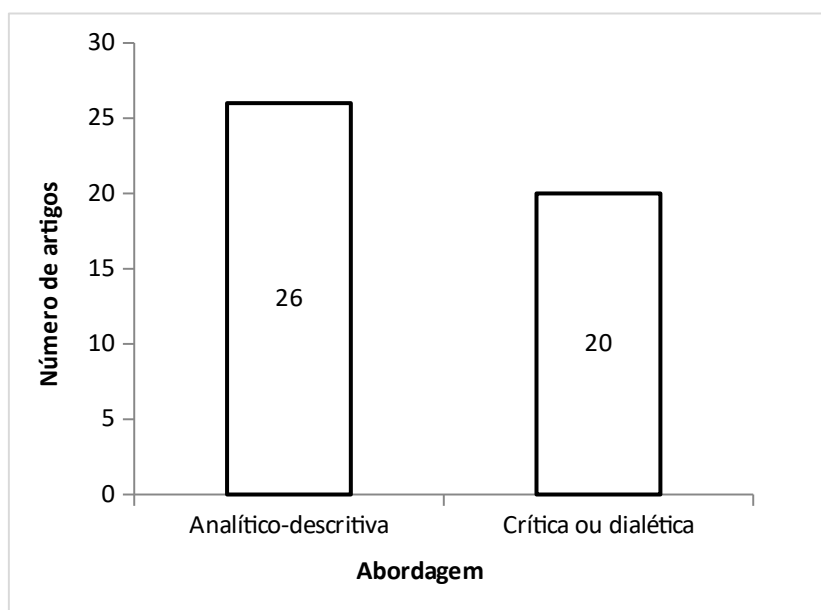


Gráfico 06 – Abordagens da GE do BGG (1974-2000), de acordo com Nunes (2000).  
Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelos autores.

Entretanto, se consideradas as abordagens por década, constata-se que na década de 1990 elas se equivalem (Gráfico 07). A abordagem crítica ou dialética surge na década de 1980 e se torna mais comum nos artigos de GE da década de 1990. Tanto no trabalho de Nunes (2000), quanto neste trabalho, percebe-se um crescimento da abordagem crítica da década de 1980 para a década de 1990.

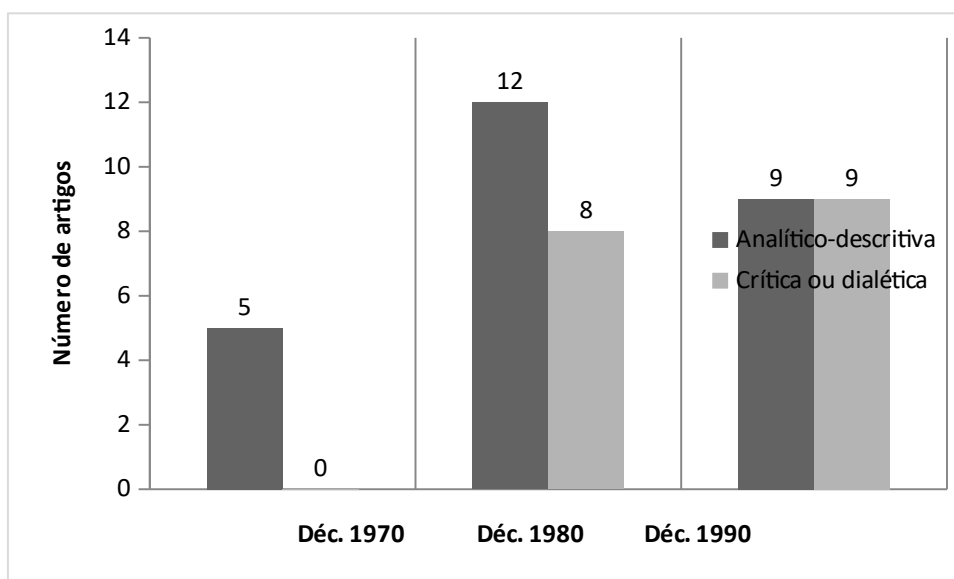


Gráfico 07 – Abordagens da GE do BGG, por década, de acordo com Nunes (2000).  
 Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelos autores.

### As fases ou temas centrais

De acordo com o referencial teórico, a GE produzida no Brasil pode ser classificada por temas centrais ou fases (ilustrados abaixo). Estas fases estão presentes nos artigos do BGG. Ao observar o Gráfico 08, percebe-se que o tema central da última fase da GE brasileira é o de maior expressão nos artigos analisados.

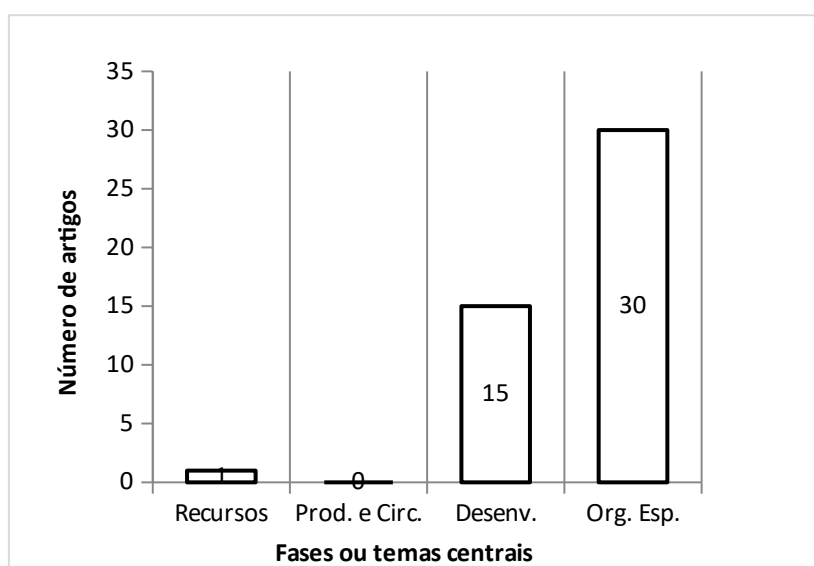


Gráfico 08 – Os temas centrais da GE do BGG (1974-2000).  
 Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelos autores.

Observando a GE do BGG por década, considerando o período de 1974 a 1999, percebe-se a presença do tema “organização do espaço” nas três décadas, enquanto o tema “desenvolvimento e subdesenvolvimento” aparece principalmente na década de 1980. Esta informação é evidenciada na Tabela 01.

Tabela 01 – Distribuição dos temas centrais da GE do BGG (1974-1999), por década.

Década	Recursos naturais e humanos	Produção e Circulação	Desenvolvimento e subdesenvolvimento	Organização do Espaço	Total
70	0	0	0	5	5
80	1	0	10	9	20
90	0	0	5	13	18
Total	1	0	15	27	43

Fonte: Boletim Gaúcho de Geografia (2017). Organizado pelos autores.

A fase caracterizada pelo estudo de questões relacionadas ao desenvolvimento e ao subdesenvolvimento marcou a década de 1980, no BGG, enquanto o estudo da organização do espaço perpassa as três décadas e aparece como único tema no ano 2000. Sendo assim, é correto afirmar que o tema central da GE presente no BGG, entre 1974 e 2000, é a organização do espaço.

Quanto aos temas que, de acordo com Silva (1978), foram centrais na GE brasileira das décadas de 1940 e 1950, percebe-se que já não estão mais presentes. Os trabalhos de GE focados nos recursos naturais e humanos ou na produção industrial são “coisa do passado”. A presença de um artigo da década de 1980, classificado com tema central recursos humanos, é irrelevante, sobretudo por estar isolado na década central do período em estudo, não configurando uma tentativa de retorno da fase ultrapassada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo procurou delinear a trajetória da GE dentro do BGG, no período de 1974 a 2000, identificando a distribuição das temáticas e das abordagens relativas aos artigos de GE, bem como a distribuição dos trabalhos referentes a cada fase ou tema central, permitindo uma melhor compreensão deste campo da Geografia.

A revisão de literatura permitiu identificar a origem da GE e como esta área da Geografia se configurou no Brasil. A GE desenvolve-se na Europa da Idade Contemporânea como uma especialização da Geografia, sendo representada no Brasil a partir da metade do século passado, inicialmente pela obra de Pierre George traduzida

do idioma francês e, logo em seguida, por obras nacionais como as de Haddock Lobo, Alabi Lucci e Correia de Andrade.

A pesquisa de Nunes (2000), relativa aos trabalhos de pós-graduação do estado de São Paulo, afirma que na década de 1970 predomina a abordagem analítico-descritiva (ou empírico-analítica), mas esta abordagem vai perdendo espaço para a abordagem crítica ou dialética que aparece na década de 1980 e se torna mais frequente na década de 1990. Tal constatação também se evidencia nos artigos publicados pelo BGG.

O tema central ou fase da GE que predomina no período estudado é organização do espaço, estando presente nas três décadas estudadas. Apenas na década de 1980 é que predominam os trabalhos classificados na fase ou tema central desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Na década de 1970 foram publicados no BGG 12 artigos, sendo 5 de GE. Em relação às temáticas, um dos trabalhos foca a migração e os outros se enquadram na classificação caracterização econômica de regiões. Nesta década só aparece a abordagem analítico-descritiva e os textos de GE tratam da organização do espaço.

A década de 1980 possui 56 artigos, sendo 20 trabalhos de GE. Quanto às temáticas, são 6 artigos com caracterização econômica de região, 4 com agricultura, 2 com transportes, 2 com migrações, 3 com discussão teórico-metodológica, aparecendo também indústria, comércio regional e relações de trabalho. Dentre as abordagens, são 8 crítica e 12 analítico-descritiva (NUNES, 2000). São 9 trabalhos que tratam da organização do espaço, 10 que tratam de desenvolvimento e subdesenvolvimento e 1 que trata de recursos naturais e humanos.

As publicações da década de 1990 totalizam 86 artigos, sendo 18 de GE. Dentre as temáticas: são 2 artigos de agricultura, 1 de indústria, 4 de comércio, 3 de migrações, 3 de caracterização econômica de regiões, 2 de transportes, 2 de renda da terra urbana e 1 de relações de trabalho. As abordagens presentes são: 9 analítico-descritiva e 9 crítica, sendo 5 artigos da terceira fase e 13 artigos da quarta fase.

A caracterização econômica de regiões é a principal temática da GE presente no BGG, no período de 1974 a 2000, correspondendo a 28% dos artigos. Dentre as temáticas consideradas, ela aparece em primeiro lugar, ou seja, com maior número de artigos, nas décadas de 1970 e de 1980, estando presente também na década de 1990, mas perdendo espaço pelo tema comércio.



As temáticas agricultura e migrações aparecem, respectivamente, com 15% e 11% do total de trabalhos analisados. O tema comércio não aparece na década de 1970, mas está presente nas duas últimas décadas, sendo que apresenta o maior número de trabalhos na década de 1990.

A abordagem ou tendência teórico-metodológica analítico-descritiva é a mais frequente no BGG, de 1974 a 2000. Esta abordagem é a que aparece em maior número de trabalhos nas décadas de 1970 e 1980. Já na década de 1990, as abordagens analítico-descritiva e crítica igualam-se, em número de artigos.

Por fim, cabe lembrar que este artigo, construído a partir de um trabalho de conclusão de curso, foi uma primeira tentativa de sistematizar a GE produzida no RS e vinculada ao BGG no final do século XX. Outras iniciativas poderão corrigir eventuais falhas deste trabalho e trazer novas discussões a respeito da estruturação da GE do passado e/ou do presente, tanto em nível local como nacional ou global, contribuindo para o entendimento e a consolidação deste campo da Geografia.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA. **Capa**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Histórico**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/about/history>>. Acesso em: 8 dez. 2017.
- CLAVAL, Paul. Geografia Econômica e Economia. **GeoTextos**, UFBA, v. 1, n. 1, p. 11-27, 2005.
- GEORGE, Pierre. **Geografia Econômica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Os métodos da geografia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LOBO, R. Haddock. **Geografia Econômica**. São Paulo: Atlas, 1965.
- LUCCI, Elian Alabi. **Geografia Econômica: Geografia do desenvolvimento econômico mundial e do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Geografia Econômica: O quadro político, humano e econômico do Brasil e do mundo**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.
- NUNES, Flaviana Gasparotti. **A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no Estado de São Paulo (1970-1998)**. 2000. 151 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental) – Universidade Estadual Paulista, curso de pós-graduação em Geografia, Presidente Prudente: FCT, 2000.

PIRES DO RIO, Gisela A. A espacialidade de economia: superfícies, fluxos e redes. In: **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

SILVA, Armando C. da. **O Espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

## **Economic Geography in the scientific production of the Gaucho Geography Bulletin: thematic, approaches and phases of the period from 1974 to 2000**

### **ABSTRACT**

This article aims to understand the profile of the Economic Geography (GE) produced and published in the articles of the Gaucho Geography Bulletin (BGG) from 1974 to 2000. It also proposes to rescue aspects of the history of GE and, more specifically, of GE produced and conveyed in the State of Rio Grande do Sul. The research is an exploratory and descriptive one, in which the methodological procedures consisted of bibliographic research, evaluation and analysis of articles available at the electronic address <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>. The GE profile present in the BGG was reached with the selection and analysis of the publications obtained. In the period under study, the main economic thematic characterization was identified as the predominant analytical-descriptive approach. The organization of space was among the central themes or phases of GE. The trade theme and the critical or dialectical approach gained more prominence in the 1990s, with development and underdevelopment issues which were more evident between the years of 1980 and 1989. The study involved 180 publications, of which 46 were considered to belong to GE.

**Keywords:** Geography. Economic Geography. Boletim Gaúcho de Geografia.

## **La Geografía Económica en la producción científica del Boletín Gaucho de Geografía: temáticas, enfoques y fases en el período de 1974 a 2000**

### **RESUMEN**

El presente artículo tiene como objetivo comprender el perfil de la Geografía Económica (GE) producida y difundida en los artículos del Boletín Gaucho de Geografía (BGG) en el período de 1974 a 2000. Este trabajo busca aspectos de la historia de la GE y, más específicamente, de la GE producida y difundida en el Estado de Rio Grande do Sul. Se sustenta en una investigación de carácter exploratorio y descriptivo, en que los procedimientos metodológicos consistieron en investigación bibliográfica, evaluación y análisis de artículos disponibles en la dirección electrónica <<http://seer.ufrgs.br/bgg>>. El perfil de la GE presente en el BGG fue alcanzado con la selección y análisis de las publicaciones obtenidas. En el período en estudio, se identificó como principal temática la caracterización económica de regiones y como abordaje predominante la analítico-descriptiva. Entre los temas centrales o fases de la GE predominó la organización del espacio. La te-

mática comercial y el enfoque crítico o dialéctico ganaron mayor destaque en la década de 1990, siendo las cuestiones relativas al desarrollo y al subdesarrollo más evidentes entre los años 1980 y 1989. El estudio envolvió 180 publicaciones, siendo 46 consideradas pertenecientes a la GE.

**Palabras clave:** Geografía. Geografía Económica. Boletim Gaúcho de Geografia.

Recebimento: 03/2019

Aceite: 01/2020